



DUAS NOÇÕES FUNDADORAS DA CONSTRUÇÃO DA INFERIORIDADE FEMININA: O FISIOLÓGISMO DE ARISTÓTELES E O ETIMOLOGISMO DE SANTO ISIDORO DE SEVILHA

Pedro Carlos Louzada Fonseca¹

Apesar da impressão que se tem de que as fontes da misoginia medieval podem ser localizadas cada vez mais regressivamente na história das ideias e da cultura ocidental, na verdade, elas podem ser identificadas em duas direções: uma, conduzindo à antiga lei hebraica, e a outra, ao alvorecer da cultura grega, na qual, por exemplo, já em Hesíodo (poeta do século VIII a. C.), aparecem certas imagens da mulher como responsável pela introdução do mal no mundo.²

Os postulados de Aristóteles (384-322 a. C.) acerca da geração das espécies animais, incluindo o gênero humano, foram de fundamental influência na formação do tradicional antifeminismo clássico e medieval. Tais postulados podem ser encontrados, de forma consistente, em *De generatione animalium* [Sobre a geração dos animais], cujos princípios fisiológicos tiveram considerável impacto, principalmente a partir do século XII, quando a obra do Estagirita começou a ser estudada na Universidade de Paris. Os preceitos aristotélicos e de seus seguidores tiveram importância ímpar na construção linguística, retórica, imaginária e literária da figura feminina, muitos deles sendo inflados, no século VII, pela monumental obra enciclopédica de Santo Isidoro de Sevilha (ca. 570-636), denominada *Etymologiae* [Etimologias]. Dessa forma, para se ter uma ideia preliminar das dimensões que acabaram por se consolidar interrogatórias da mulher na Idade Média, alguns comentários, extraídos do citado livro de Aristóteles acerca do sêmen, da menstruação e da contribuição da mulher na procriação devem ser examinados.

Na sequência de comentários sobre as secreções procriadoras produzidas pelo macho e pela fêmea, Aristóteles chega aos seus famosos postulados binômicos “matéria / corpo” e “forma / alma”; realidades que, respectivamente, caracterizariam, na geração dos descendentes, a contribuição da propriedade formativa e animadora do sêmen do macho, altamente nutriente por causa da sua superdotada natureza calorífera, e a contribuição da propriedade passiva e não-formativa do resíduo nutriente feminino, mais frio em sua natureza constitutiva:

(727 b) Por agora está claro que a contribuição que a fêmea faz para a geração é a *matéria* nela usada, que esta é encontrada na substância que constitui o fluido menstrual, e finalmente, que o fluido menstrual é um resíduo.

¹ Professor Titular Doutor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Goiás. E-mail: pfonseca@globocom

² ALLEN, Sr Prudence. RSM, *The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution 750 BC-AD 1250*. Montreal: Eden Press, 1985. p. 14-15.



(728a) [...] Uma mulher é como se fosse um homem infértil; a fêmea, de fato, é fêmea devido a uma espécie de inabilidade, viz., falta-lhe o poder da preparação do sêmen num estado final de nutrição [...] por causa da frieza da sua natureza. (729a) O macho provê a ‘forma’ e o ‘princípio do movimento’, a fêmea provê o corpo, em outras palavras, o material.³

Aristóteles deixa claro que o fraco resíduo seminal da fêmea é responsável pela produção de machos deformados, isto é, de descendentes do sexo feminino, pois a eles lhes faltava o princípio da alma, que é somente encontrado, de forma íntegra, no sexo masculino. Portanto, a não produção de machos parece ser devida, em princípio, à espécie de atuação da fêmea genitora:

(737a) Quando o sêmen entra no útero, ele ‘fixa’ o resíduo produzido pela fêmea e imprime nele o mesmo movimento com o qual ele próprio é dotado. A contribuição da fêmea, claro, é um resíduo também [...] e contém todas as partes do corpo *potencialmente*, embora nenhuma em *atualidade*; e ‘todas’ inclui aquelas partes que distinguem os dois sexos. Da mesma forma que, às vezes, acontece de descendentes deformados serem produzidos por pais deformados e, às vezes, não, assim os descendentes produzidos por uma fêmea são, às vezes, fêmeas, às vezes, não, mas machos. A razão é que a fêmea é como se fosse um macho deformado, e a descarga menstrual é sêmen, embora numa condição impura; i. e., falta-lhe um constituinte, e somente um, o princípio da Alma.⁴

Nessa breve seleção de pronunciamentos de Aristóteles sobre a fêmea, pode-se perceber uma acusação do feminino em relação à sua incapacidade de processar o seu sangue em um estado final de nutrição seminal. Isto devido à insuficiência de calor que caracteriza a sua natureza de fêmea. É por essa razão que o fluido menstrual é uma espécie de sangue seminal em condição impura, faltando-lhe o princípio da alma. Uma vez que, desde a tradição aristotélica, tal funcionamento do corpo feminino foi visto assim de forma tão negativa, a menstruação tornou-se tema e preocupação de sujidade, interligando a medicina, a religião e a moral medievais, como aquele alerta de que, dentre outros descabros, se um homem tivesse sexo com uma mulher em estado de menstruação, estaria arriscando contrair a lepra.⁵

Nessa esteira aristotélica, centrada na ideia da inferioridade bio-fisiológica da mulher, Galeno (131-201) desenvolveu interessantes pontos de vista acerca da deformidade anatômica da genitália feminina. Ao comentar, em seu *De usu partium* [Sobre as utilidades das partes do corpo] (final do século II) acerca da diferença de temperatura entre o sexo feminino e o masculino, ele

³ ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963, 727b, 728a, 729a, p. 101-103. Tradução minha.

⁴ Ibidem, 737a, p. 173-175. Tradução minha.

⁵ JACQUART, D.; THOMASSET, C. *Sexuality and Medicine in the Middle Ages*. Trad. M. Adamson. Cambridge: Polity Press, 1988, p. 186.



acreditava que o calor, em bom excesso nos machos e ruim deficiência nas fêmeas, seria o responsável pela deformada formação genitálica destas.⁶

(II. 301) Com isso, é claro, a fêmea deve ter testículos menores e menos perfeitos, e o sêmen gerado neles deve ser mais escasso, mais frio e mais úmido (porque essas coisas também acontecem necessariamente devido ao calor deficiente). Certamente, tal sêmen seria incapaz de gerar um animal. [...] Os testículos do macho são maiores à medida que ele é um animal mais quente. O sêmen gerado neles, tendo recebido o máximo de refinamento, torna-se o princípio eficiente do animal. Então, de um princípio planejado pelo Criador em sua sabedoria, aquele princípio, de acordo com o qual a fêmea foi feita menos perfeita do que o macho, derivaram todas estas coisas úteis para a geração do animal: que as partes da fêmea não podem escapar para fora; que ela acumula um excesso de nutriente útil, e tem sêmen imperfeito e um instrumento oco para receber o perfeito sêmen; que, uma vez que, tudo no macho é o oposto (daquilo que está na fêmea), o membro do macho foi alongado para estar mais apropriado para o coito e para a excreção do sêmen; e que este sêmen foi feito grosso, abundante e quente.⁷

Os comentários até agora feitos, apresentam a imagem do sexo feminino em geral, e da mulher em particular, numa posição de discriminada inferioridade em relação ao do masculino. Tais comentários serviram de base para a formação de um antifeminismo tradicional, cujas marcas mais profundas de ultraje misógino apareceram durante a Idade Média, especialmente no pensamento religioso.

Na esteira dos mais representativos pronunciamentos patrísticos da Igreja acerca da derrogação do corpo e do sexo femininos, R. Howard Bloch tem razão em afirmar que no pensamento misógino da Idade Média, não pode haver, de fato, nenhuma distinção entre o teológico e o ginecológico.⁸ E a ginecologia do feminino medieval “materializava” a mulher como uma realidade orientada principalmente pelo corpóreo. Esse tipo de reducionismo medieval da mulher ao domínio da matéria e dos sentidos foi concebido alegoricamente por Santo Ambrósio, na sua conhecida representação da Queda, onde a serpente é “um tipo de prazeres do corpo”, a mulher “representa os nossos sentidos” e o homem “representa as nossas mentes.”⁹

Disseminando o pensamento misógino medieval surgem, no século VII, as *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha. Essa enciclopédia confere uma enorme valoração filosófica e teológica à palavra (*verba*) como portadora, na sua raiz ou no seu étimo, do sentido da substância e da realidade da coisa (*res*). Devido a esse cariz, alcançaram enorme influência e popularidade em toda a Europa medieval, sendo, inclusive, citada muitos séculos depois.

A questão medieval do conhecimento e da identificação do sentido da realidade das coisas criadas por Deus, a partir da palavra designada para nomeá-las, tem procedência na própria *Bíblia*,

⁶ GALEN. *Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body*. Trad. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968, II. 299, p. 630. Tradução minha.

⁷ *Ibidem*, 301, p. 632. Tradução minha.

⁸ BLOCH, R. Howard. *Medieval Misogyny. Representations*, Berkeley, n. 20, p. 1-24, 1987, p. 20. Tradução minha.

⁹ AMBROSE, St. *Paradise XV. 73*. In: _____. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOC, xlii. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961. Tradução minha.



no episódio em que o Criador delega a Adão a função de nomeação dos animais. Atesta esse procedimento epistemológico de conhecimento da coisa a partir do seu nome, a significativa presença do método etimológico de Isidoro de Sevilha no bestário medieval, uma das mais importantes produções literárias da Idade Média devido ao ser caráter doutrinário e moralizador.

Para o caso da verificação do antifeminismo de Aristóteles na *De generatione animalium*, cuja influência trasladou-se da fisiologia para o domínio da linguagem nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, um exemplo característico desse procedimento interdisciplinar aparece no chamado *Bestiário de Cambridge*, que se encontra atualmente na biblioteca da Universidade de Cambridge (Inglaterra), listado como MS. II. 4. 26. O seguinte trecho desse bestário, tendenciosamente misógino, compara, utilizando-se do método etimológico, a natureza e as qualidades do homem com as da mulher, transcrevendo e ampliando com prédicas moralizantes, o seguimento das *Etymologiae*, que trata do mesmo assunto:

Um homem é chamado de Vir porque existe mais valor (*virtus*) nele do que nas mulheres. Por essa razão, ele também obtém o nome de coragem, ou outro, porque ele governa as suas mulheres por força (*vi*). Mulier, a mulher, é derivada de ‘fraqueza’, uma vez que ‘*mollior*’ (mais fraco), com uma letra retirada ou mudada, torna-se ‘mulier’. Elas são diferenciadas do homem tanto em coragem como em imbecilidade do corpo. O homem tem a maior capacidade, a mulher, a menor, com a finalidade de que ela deve ceder a ele: i.e., para que, com a mulher sendo difícil nisso, o desejo sexual não compila os homens a irem buscá-lo em outro lugar e a se prostituírem com outro sexo. Ela é chamada de ‘*mulier*’ devido à sua feminilidade e não por causa da sua fraqueza em ter a sua castidade corrompida, porque as palavras do Espírito Santo são: ‘E Eva foi subitamente feita de uma parte do lado do corpo do seu homem’. Não por contato com o homem ela é chamada “mulier”. As Escrituras dizem: “E ele (Deus) formou-a numa mulher”. [...] Na verdade, ‘*femina*’, uma mulher, vem de ‘*femur*’, a parte superior da coxa, onde a aparência do sexo é diferente da do homem. Outros, usando uma derivação grega, dizem que é por causa da ardente força com a qual uma mulher veementemente deseja, e que as fêmeas são mais desejosas do que os machos, tanto nos humanos quanto nos animais. Também, os antigos pensavam que muito amor efeminava.¹⁰

Esse pronunciamento do bestário, evidentemente extraído das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha e ressoando as ideias de Aristóteles e de outros pensadores da Idade Média, indica claramente uma ampliação figurada e ideológica de postulados fisiologistas para o terreno moral, com características edificantes em termos patriarcais, respaldados pela doutrina religiosa acerca da representação do gênero. Isso pode ser ratificado pelo fato de o bestário – obra ideologicamente comprometida com a edificação moral e a salvação do homem, simbolicamente auxiliadas pelo enaltecimento exemplar das virtudes dos animais e pela condenação dos seus vícios – tratar da questão do gênero, apontando excelências no homem em detrimento das qualidades da mulher. Graciano, jurista do século XII, autor do *Decretum* (uma das mais importantes coleções de leis canônicas eclesiásticas da Idade Média), por exemplo, dentre outros, sintonizando os

¹⁰ THE BOOK of Beasts: Being a translation from a Latin bestiary of the twelfth century. Ed. Terence Hanbury White. New York: Dover Publications, Inc., 1984, p. 222. Tradução minha.



pronunciamentos de Santo Isidoro de Sevilha e do bestiarista acerca da superioridade do homem, mantém que “homem” (*vir*) não deriva apenas de força (*vi*), mas de uma força especial, a da mente (*virtus animi*). Quanto à mulher (*mulier*), comenta que a palavra veio de “amolecimento da mente” (*mollities mentis*).¹¹

O fato de Isidoro de Sevilha aventar a hipótese de que *femina* (mulher) pudesse ser proveniente da etimologia grega *fos*, que significa “força que queima”, por causa da maior intensidade do desejo sexual encontrada no sexo feminino, levou os defensores da mulher a preferirem ligar o significado etimológico da palavra *mulier* a *mollities* (i. e., apenas mais fraca, amolecida). Também aquela noção de que *femina* recebeu esse nome em razão da fêmea ser, não só entre os animais, mas também entre os humanos, mais libidinosa, derivou o uso da palavra “efeminado” (*femineus*) ser, entre os antigos, aplicada àqueles que manifestassem um excesso de amor. Essa noção encontrou larga difusão na Idade Média, a ponto de Andreas Capellanus aconselhar os seus protegidos a reprimirem o prazer físico (*voluptatem*), procedendo como homens verdadeiros (*viriliter*).¹²

A seleção de trechos das *Etymologiae* a seguir serve para identificar, nessa obra, a influência da tradicional visão de inferioridade constitutiva da natureza feminina que, elaborada pela fisiologia de Aristóteles, encontrou respaldo e transmissão, de forma ideologicamente simpática, por padres e pensadores religiosos, na sua maioria, misóginos e antifeministas da Igreja e da sociedade laica medieval. Nesse sentido, Isidoro de Sevilha, sendo um deles, traduz para o domínio do conhecimento da língua, o que Aristóteles havia feito no domínio da fisiologia e da ciência:

(XI. ii. 17) O nome de varão (*vir*) se explica porque nele há maior força (*vis*) que na mulher; daqui deriva também o nome de ‘virtude’; ou talvez porque obriga a mulher pela força. (18) A mulher, *mulier*, deriva a sua denominação de *mollities*, moleza, como se disséssemos *mollier*; suprimindo ou alterando letras resulta o nome de *mulier*. (19) A diferença entre o homem e a mulher localiza-se na força e na debilidade do corpo. A força é maior no varão e menor na mulher, para que a mulher possa suportá-lo, e ainda, não fosse que, ao ver-se rechaçado pela mulher, o marido se visse empurrado por sua concupiscência a buscar outra coisa ou desejar o prazer homossexual. (23) Hoje em dia se emprega a palavra *femina*, enquanto que na antigüidade se usava a palavra *vira* (i. e. a fêmea de *vir*, homem) [...] (24) *Femina* deriva a sua denominação das partes dos músculos, *femur*, pelas quais seu sexo se distingue do homem. Outros crêem que a etimologia é grega, fazendo derivar o nome de *femina* da força do fogo, porque a sua concupiscência é muito apaixonada. Afirma-se que as fêmeas são mais libidinosas do que os homens, tanto entre as mulheres como entre os animais. Devido a isso, entre os antigos, um amor ardente se chamava amor feminino.¹³

¹¹ FRIEDBERG, Aemilius. *Corpus Iuris Canonici, pt. I. Decretum Magistri Gratiani*. Leipzig: Graz, 1955, i. col. 1145. In: Alcuin Blamires (Ed.). *Woman Defamed and Woman Defended: An Anthology of Medieval Texts*. Oxford: Clarendon Press, 1992, p. 43.

¹² CAPELLANUS, Andreas. *Andreas Capellanus On Love*. Ed. and trad. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982, III. 50, p. 316.

¹³ ISIDORE OF SEVILLE, St. St. *Isidore Hispalensis Episcopi, Etymologiarum sive Originum libri xx*. Ed. W. M. Lindsay. Madrid: PAC, v. II, 1962, XI. ii. 17-19, 23-24. Tradução minha.



Entretanto, tanto no fisiologismo de Aristóteles quanto no etimologismo de Isidoro de Sevilha, a tônica comum é a da derrogação do feminino, a qual atinge o seu mais alto grau quando, a exemplo das *Etymologiae*, o fluido menstrual que – de simplesmente sujo e improfícuo, descarga seminal de um organismo naturalmente menos perfeito para Aristóteles – passa a ser diabolicamente destruidor das coisas, do homem e da natureza:

(XI. i. 140) *Menstrua* é o sangue supérfluo das mulheres. Denomina-se *menstrua* devido ao ciclo lunar, tempo que costuma mediar na repetição do fluxo; pois em grego a palavra lua é chamada *mene*. É conhecida também com o nome de *muliebria*, pois a mulher é o único animal que tem menstruação. (141) Ao contato com este sangue, os frutos não germinam; os sumos das uvas azedam; as ervas morrem; as árvores perdem seu fruto; o ferro fica corroído com ferrugem; os bronzes se tornam negros. Se os cães comerem algo que tenha estado em contato com ele (o sangue menstrual), tornam-se loucos. E o betume asfáltico, que não se dissolve nem com ferro nem com água, dissolve-se espontaneamente quando salpicado por esse sangue.¹⁴

Apesar de ter sido originariamente abordada por Plínio, o Velho (23-79) foi, a partir de Isidoro de Sevilha, que essa verdadeira litania da desgraça do sangue menstrual entrou no imaginário das superstições medievais, adquirindo recrudescida virulência no final da Idade Média, quando a mulher passa a ser objeto de um obsessivo processo de demonologização.

Essa sucinta coletânea de citações, de feitio comparado, examinou a influência disseminadora da fisiologia de Aristóteles no interessante domínio do conhecimento etimológico, tal qual exposto, de forma ímpar, nas *Etymologiae*. Assim, o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Isidoro de Sevilha, ambos sintonizados em postulados que definiram o tradicional antifeminismo, são duas das muitas ideias fundadoras dessa tendência discriminatória da mulher no pensamento e na cultura do homem ocidental.

Bibliografia

ALLEN, Sir Prudence. *The Concept of Woman: The Aristotelian Revolution 750 BC-AD 1250*. Montreal: Eden Press, 1985.

AMBROSE, St. Paradise XV. 73. In: _____. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOX, xlii. New York: Fathers of the Church, Inc., 1961.

ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.

BLOCH, R. Howard. *Medieval Misogyny. Representations*, Berkeley, n. 20, p. 1-24, 1987.

THE BOOK of Beasts: Being a translation from a Latin bestiary of the twelfth century. Ed. Terence Hanbury White. New York: Dover Publications, Inc., 1984.

¹⁴ Ibidem, X. i. 140-141, Tradução minha.



CAPELLANUS, Andreas. *Andreas Capellanus On Love*. Ed. e trad. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982.

FRIEDBERG, Aemilius. *Corpus Iuris Canonici*, pt. I, *Decretum Magistri Gratiani*. Graz, 1955, i. col. 1145. In: Alcuin Blamires (Ed.). *Woman Defamed and Woman Defended: An Anthology of Medieval Texts*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

GALEN. *Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body*. Trad. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.

ISIDORE OF SEVILLE, St. St. *Isidore Hispalensis Episcopi, Etymologiarum sive Originum libri xx*. Ed. W. M. Lindsay. Madrid: PAC, v. II, 1962.

JACQUART, P.; THOMASSET, C. *Sexuality and Medicine in the Middle Ages*. Tr. M. Adamson. Cambridge: Polity Press, 1988.

WHITE, Terence Hanbury. *The Book of Beasts: Being a translation from a Latin bestiary of the twelfth century*. Ed. Terence Hanbury White. New York: Dover Publications, Inc., 1984.